

Ministério da Cultura, Governo do Estado de
São Paulo, por meio da Secretaria da Cultura,
Economia e Indústria Criativas, Fundação Osesp
e Q! Tech apresentam

o s e s p

Temporada 2026

Revista
Uirapuru



“Este concerto volta-se para o íntimo ao investigar a inocência, o amor e o maravilhamento metafísico. Bach, ouvido novamente por Villa-Lobos, apresenta a espiritualidade como calorosa e terrena em vez de austera. As canções de Strauss celebram o amor como uma transcendência pela intimidade, na qual a emoção pessoal alcança um significado elevado e atemporal. A *Quarta* de Mahler completa a jornada com visão infantil e ironia: o Paraíso visto através da fragilidade humana. A mensagem filosófica sugerida é de que o nosso propósito talvez não resida nos ideais grandiosos, mas no maravilhamento, na ternura e na aceitação das contradições da vida.”

Thierry Fischer

Diretor Musical e Regente Titular da Osesp

12 de março quinta-feira 20h	13 de março sexta-feira 14h30	O concerto da série Osesp duas e trinta é um oferecimento da Klabin, por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura.	14 de março sábado 16h30	 Transmissão ao vivo
---	--	--	---------------------------------------	---

Sala São Paulo	Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo – Osesp Thierry Fischer regente Hera Hyesang Park soprano
-----------------------	---

JOHANN SEBASTIAN BACH 1685–1750	<i>Prelúdio e fuga em dó menor, BWV 546</i> [Orquestração de Villa-Lobos] c. 1730 [Orq. 1938] 8 minutos
RICHARD STRAUSS 1864–1949	<i>Quatro canções, Op. 27</i> 1894 1. Descansa, ó minha alma! 2. Cecília 3. Convite secreto 4. Amanhã! 13 minutos

Intervalo de 20 minutos

GUSTAV MAHLER 1860–1911	<i>Sinfonia nº 4 em Sol maior</i> 1899–1901 1. Com calma, de maneira ponderada 2. Em andamento sereno, sem pressa 3. Com plena tranquilidade. Poco adagio 4. Muito à vontade. “A vida celestial”: a tempo 54 minutos
----------------------------	---

JOHANN SEBASTIAN BACH

Alemanha, 1685–1750

Prelúdio e fuga em dó menor, BWV 546
[Orquestração de Villa-Lobos]
c. 1730 [Orq. 1938]

Instrumentação

2 flautas
2 oboés
2 clarinetes
2 fagotes
contrafagote
2 trompas
2 trompetes
2 trombones
tuba
tímpanos
cordas

Johann Sebastian Bach é, com ampla margem, o compositor da tradição ocidental cujas obras mais receberam transcrições ao longo da história — isto é, o compositor que mais teve obras, originalmente escritas para um instrumento, adaptadas para outros instrumentos e formações musicais. Desde o século XVIII até hoje, importantes compositores dialogaram com sua música, o que se explica pela clareza estrutural de sua escrita, pela autonomia harmônica de suas linhas e pela relativa independência do timbre em grande parte de suas criações. Fugas, corais, suítes e concertos de Bach resistem à mudança de meio instrumental, oferecendo às gerações seguintes um terreno privilegiado para o desafio da transcrição.

Entre os quatro parâmetros clássicos do som — altura, duração, intensidade e timbre —, o **timbre** nos permite reconhecer quem ou o que está produzindo o som. Assim como identificamos a voz de uma pessoa, também distinguimos um violino, um piano ou uma flauta.

No caso do *BWV 546*, não sobreviveu nenhuma versão autógrafa de Bach. A obra chegou até nós por meio de uma cópia feita por Johann Peter Kellner, amigo, admirador e divulgador da música bachiana. Assim, não temos certeza absoluta de que cada detalhe do texto seja inteiramente da mão do compositor — o que era comum, aliás, em diversas obras do período.

Tal incerteza, contudo, em nada diminui a força, a coerência e a extraordinária qualidade musical da peça.

Na época de Bach, e até o final do século XVIII, o conceito de **originalidade** era diferente do que entendemos hoje. Dominar as técnicas do ofício de artista era bem mais importante do que os conceitos modernos de criatividade, individualidade e “gênio”, e por isso era normal o compartilhamento de temas e formas entre artistas. Veja o tema da anunciação do Anjo Gabriel à Virgem Maria por Da Vinci e por Botticelli:



Para um compositor, a transcrição nunca é um gesto neutro ou meramente utilitário. Trata-se antes de uma forma de análise em ação, pela qual se aprende compondo com o outro. Ao transcrever, o compositor penetra na lógica interna da obra, compreende seus mecanismos de condução de vozes e de organização formal, ao mesmo tempo em que testa essas estruturas em um novo corpo sonoro. Toda transcrição é também um ato de posicionamento estético: ao mudar o instrumento ou a formação instrumental, o transcritor projeta sobre a obra sua própria personalidade, e o gosto prevalente de sua época.

É nesse contexto que as transcrições de Bach feitas por Heitor Villa-Lobos [1887–1959] ganham especial relevo. Para ele, Bach não era um modelo a ser imitado segundo critérios de fidelidade histórica, mas, numa definição do próprio músico brasileiro, uma espécie de “fonte folclórica universal”. Suas transcrições, assim, não buscam reconstruir o original, mas reinterpretá-lo como uma recriação poética.

Esse entendimento de Bach como método, e não apenas como repertório, está também no cerne das *Bachianas brasileiras*. Seja transformando diretamente uma obra de Bach, como na

transcrição do *BWV 546*, seja absorvendo seus princípios estruturais, como nas *Bachianas*, Villa-Lobos estabelece uma conexão estreita com a tradição, não para reverenciá-la passivamente, mas para incorporá-la de forma viva a um projeto estético próprio.

As *Bachianas brasileiras* são nove composições escritas entre 1930 e 1945 por Villa-Lobos para diferentes formações. Nelas, o compositor brasileiro expôs sua visão modernista valorizando as raízes musicais brasileiras em diálogo com a tradição musical europeia.

Laura Rónai

Flautista, é responsável pela cadeira de flauta da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e coordena a Orquestra Barroca da Unirio.

Instrumentação

piccolo
2 flautas
2 oboés
corne-inglês
2 clarinetes
clarone
2 fagotes
4 trompas
2 trompetes
3 trombones
tuba
tímpanos
percussão
celesta
harpa
cordas

Quatro canções, Op. 27 1894

Imagine receber como presente de casamento um ciclo de canções! Foi esse o refinado buquê oferecido por Richard Strauss à sua noiva, a soprano Pauline de Ahna, sua inspiração e primeira intérprete de muitas de suas obras. Orquestradas, as *Quatro canções*, para voz e piano, preservam a origem intimista do gênero: mesmo quando a textura se torna complexa, elas conservam algo do acolhimento doméstico típico do lied, criando uma expressão eloquente, sem perder o tom de confidência.

O ciclo desenvolve essa ambígua arte da miniatura em quatro gestos muito diferentes entre si, como se cada peça examinasse uma faceta do sentimento amoroso.

A primeira canção, “Descansa, ó minha alma!” [Ruhe, meine Seele], cria um clima de serenidade a partir do domínio das “selvagens tempestades” internas mencionadas no poema. A tensão inicial se transforma progressivamente em uma melodia que parece conter o próprio excesso: a orquestra, com suas sombras e densidades discretas, lembra que o repouso é sempre atravessado por agitações e ameaças.



Em alemão, *Lied* quer dizer “canção”, mas entre os séculos XVIII e XIX ganhou o sentido de uma música tocada e cantada em um espaço privado, com temas poéticos. Franz Schubert [1797–1828] é famoso por trazer essa relação de escuta íntima em que o piano não apenas acompanha, mas comenta e prolonga o sentido do texto.

Em “Cecília” [Cäcilie], composta por Strauss na noite imediatamente anterior ao casamento, o recolhimento abre espaço para a explosão amorosa. A súplica do poema carrega um sentimento de urgência: é como se o eu lírico tentasse convencer a amada — e a si mesmo — de que o amor não cabe em palavras, ele se prova na insistência, no impulso, no corpo. A canção articula o desejo em uma melodia marcada por amplos intervalos ascendentes, como se a voz fosse puxada para o alto por uma força maior. A orquestra, por sua vez, insinua o ritmo inseguro de um coração apaixonado: acelera, brilha, tropeça, retoma o fôlego. O drama íntimo, concentrado num curto espaço de tempo, antecipa os prazeres da futura união.

Na terceira canção, “Convite secreto” [Heimliche Aufforderung], os namorados tentam disfarçar, em público, o encantamento mútuo. Sem deixar transparecer a emoção, a discreta troca de olhares dos amantes antecipa os prazeres da caminhada noturna. A duplicidade da situação está representada na música: a orquestra parece sorrir para o ambiente festivo, enquanto os amantes já preparam a fuga. Por isso o acompanhamento orquestral oscila entre uma alegre dança e uma amorosa cena pastoral, como se a agitação da festa antecipasse o encontro secreto em meio à natureza.

Por fim, “Amanhã!” [Morgen!] conduz a jornada amorosa ao final sereno de um “lento, tranquilo e quieto” amanhecer. Aqui, tudo parece se organizar em torno de uma certeza calma, como se as “noites” retratadas nas canções anteriores — com agitações, anseios e segredos — encontrassem enfim um desfecho feliz e luminoso. Após uma longa abertura, na qual as cordas, acompanhadas pela harpa, anunciam a nova emoção, Strauss prepara a entrada do poema, como quem cria um espaço de silêncio interno antes da palavra decisiva. Quando a voz finalmente surge, a partitura atribui uma bela melodia ao primeiro verso, “E amanhã o sol voltará a brilhar”, uma frase quase banal, mas transformada pela música em horizonte de expectativa e certeza de felicidade.



A soprano Pauline de Ahna [1863–1950] e Richard Strauss, cujo casamento apaixonado se estendeu até seus últimos dias.

A música insiste na lentidão, prolongando o instante em que o futuro é imaginado como presença e não como desejo, para impedir que o luminoso “amanhã” chegue depressa demais. Assim, o ciclo termina anunciando a longa paz do casamento entre os amantes, que agora convivem com “o mudo silêncio da felicidade”, um silêncio que hoje soa nostálgico, como um anseio antigo, perdido nos sonhos musicais do passado: a imagem de um amor tão pleno que pode, simplesmente, emudecer.

Jorge de Almeida

Doutor em filosofia, professor de teoria literária e literatura comparada na USP e professor colaborador da Academia de Música da Osesp.

Sinfonia n.º 4 em Sol maior 1892–1901

Instrumentação

2 piccolos
4 flautas
3 oboés
corne-inglês
3 clarinetes
requinta
clarone
3 fagotes
contrafagote
4 trompas
3 trompetes
tímpanos
percussão
harpa
cordas

No romance *Vidas secas*, Graciliano Ramos narra a morte da cachorra Baleia sem qualquer sentimentalismo — e cria, por isso mesmo, uma das passagens mais comoventes da literatura em língua portuguesa. O episódio é apresentado do ponto de vista do animal, que se entrega ao sonho de um mundo “todo cheio de preás, gordos, enormes” à medida que a escuridão engole as pessoas e objetos ao seu redor. Algo análogo ocorre na *Quarta sinfonia* de Mahler. Seu último movimento é uma canção intitulada “A vida celestial”, na qual uma criança faminta sonha com o banquete que a espera no Paraíso. Ali não faltam pão e vinho, frutas e aspargos — sem falar nos bois e cordeiros que se entregam docilmente ao abate.



Infância, sensibilidade social e transcendência marcaram a geração romântica tardia. No conto “A pequena vendedora de fósforos”, Hans Christian Andersen [1805–1875] apresenta a pobreza concreta transfigurada pelo sensível: na fria noite de Ano-Novo, a luz dos fósforos conduz a criança a visões de amparo e amor:

“ — Avó! — gritou a pequena — Oh! Leva-me contigo! Sei que te irás quando o fósforo se apagar. Que te irás como o fogão quente, como o belo assado de ganso e a grande e abençoada árvore de Natal! — E riscou apressadamente o resto dos fósforos que estavam no molho. [...] E os fósforos arderam com tal brilho que se fez mais claro que a luz do dia. [...] A avó nunca havia sido tão bela e tão grande. Levantou a menina para os seus braços [...] Voaram ambas em esplendor e júbilo. Tão alto, tão alto! Naquele lugar não havia nenhum frio, nenhuma fome, nenhum medo...”

Em ambos os casos, o impacto emocional é fruto do contraste entre a inocência da vítima e a dureza de seu destino. É por isso que a partitura de Mahler pede à soprano que interprete a canção “sem qualquer intenção de paródia”. O fato de a criança enganar a si mesma não desautoriza, e sim realça sua pureza. Levando a sério a utopia infantil, o compositor parece perguntar o que, afinal, merece ser chamado de falso: essa imagem da felicidade plena ou a vida real que a desmente?



Pouco depois de finalizar sua *Quarta sinfonia*, Mahler iniciou um novo projeto de composição também inspirado no sofrimento infantil. O *Kindertotenlieder* reunia canções criadas a partir da poesia que Friedrich Rückert escreveu para lidar com a perda de dois de seus filhos de febre escarlate num espaço de pouco mais de 15 dias. Concluído em 1904, o ciclo de canções se entrelaçaria com a história pessoal do compositor, que também perderia a filha mais velha, Maria Anna, em 1907, para a febre escarlate e a difteria. Na imagem, Gustav e sua filha Maria Anna.

Mahler compôs “A vida celestial” em 1892, quando estava musicando *A trompa mágica do menino*, coleção de poemas populares editados por Achim von Arnim e Clemens Bretano, que inspirou suas primeiras sinfonias. Ele tencionava incluí-la no final de sua *Terceira sinfonia*, mas acabou optando por criar uma nova obra inteiramente dedicada ao universo infantil. Os demais movimentos da *Quarta*, portanto, nasceram da canção e estão ligados a ela por uma intrincada trama de motivos musicais.

Mesmo sem o recurso à palavra, esses movimentos iniciais remetem à infância por meio de sua orquestração enxuta e de sua estrutura formal cristalina, que dialoga com modelos do período clássico, como a música de Haydn e Mozart. Em certos momentos, a música soa deliberadamente antiquada, como se Mahler quisesse evocar um passado “sem véspera/ sem remorso/ nem sombra do crime” — como diria mais tarde o poeta Murilo Mendes, em outra ode nostálgica em “Mozart”.

Paulo Sampaio

Doutorando em música e mestre em filosofia pela Universidade de São Paulo. Em 2024, se formou no curso livre de Redação e Crítica Musical da Academia de Música da Osesp.



Assista ao
Falando de Música
da semana



Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo - Osesp

Desde seu primeiro concerto, em 1953, a Osesp tornou-se parte indissociável da cultura paulista e brasileira, promovendo transformações culturais e sociais profundas. A cada ano, a Osesp realiza em média 130 concertos para cerca de 150 mil pessoas. Thierry Fischer tornou-se diretor musical e regente titular em 2020, tendo sido precedido, de 2012 a 2019, por Marin Alsop. Seus antecessores foram Yan Pascal Tortelier, John Neschling, Eleazar de Carvalho, Bruno Roccella e Souza Lima. Além da Orquestra, há um coro profissional, grupos de câmara, uma editora de partituras e uma vibrante plataforma educacional. A Osesp já realizou turnês em diversos estados do Brasil e também pela América Latina, Estados Unidos, Europa e China, apresentando-se em alguns dos mais importantes festivais da música clássica, como o BBC Proms, e em salas de concerto como o Concertgebouw de Amsterdam, a Philharmonie de Berlim e o Carnegie Hall em Nova York. Mantém, desde 2008, o projeto “Osesp Itinerante”, promovendo concertos, oficinas e cursos de apreciação musical pelo interior do estado de São Paulo. Em 2026, a Osesp se torna a primeira orquestra brasileira a gravar pelo Selo Deutsche Grammophon. É administrada pela Fundação Osesp desde 2005.



Thierry Fischer regente

Desde 2020, Thierry Fischer é diretor musical da Osesp, cargo que também assumiu em setembro de 2022 na Orquestra Sinfônica de Castilla y Leon, na Espanha. De 2009 a junho de 2023, atuou como diretor artístico da Sinfônica de Utah, da qual se tornou diretor artístico emérito. Foi principal regente convidado da Filarmônica de Seul [2017-2020] e regente titular (agora convidado honorário) da Filarmônica de Nagoya [2008-2011]. Já regeu orquestras como a Royal Philharmonic, a Filarmônica de Londres, as Sinfônicas da BBC, de Boston e Cincinnati e a Orchestre de la Suisse Romande. Também esteve à frente de grupos como a Orquestra de Câmara da Europa, a London Sinfonietta e o Ensemble intercontemporain. Thierry Fischer iniciou a carreira como Primeira Flauta em Hamburgo e na Ópera de Zurique. Gravou com a Sinfônica de Utah, pelo selo Hyperion, *Des Canyons aux Étoiles* [Dos canions às estrelas], de Olivier Messiaen, selecionado pelo prêmio Gramophone 2023, na categoria orquestral. Na Temporada 2024, embarcou junto a Osesp para a turnê internacional em comemoração aos 70 anos da Orquestra.



Hera Hyesang Park
soprano

Hera Hyesang Park é artista exclusiva da Deutsche Grammophon, com a qual lançou *I am Hera*, em 2021, e *Breathe*, em 2023. Premiada no Operalia de 2015, competição mundial de ópera criada por Plácido Domingo, também conquistou os prêmios internacionais da Fundação Gerda Lissner [2016] e da Fundação Hildegard Behrens [2018]. Nesta temporada, a soprano participa de concertos e recitais com a Filarmônica de Los Angeles, as sinfônicas de San Diego, Viena e NHK de Tóquio, as óperas estatais Húngara e de Hamburgo, a Boston Baroque, na Metropolitan Opera e no Festival Internacional de Edimburgo, além de fazer sua estreia com a Osesp. Recentemente subiu ao palco do David Geffen Hall com a Filarmônica de Nova York regida por Gustavo Dudamel, e se apresentou com a Ópera de Paris. No Reino Unido, estreou no Barbican Centre, em Londres, na Stoller Hall, em Manchester, e participou de concerto sob regência de Edward Gardner com a Filarmônica de Londres no Cedars Hall, em Wells, Somerset. Participou do Met Gala, em 2018, com vestido de Giambattista Valli escolhido pela anfitriã Anna Wintour.

Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo - Osesp

Diretor Musical e Regente Titular
Thierry Fischer

Violinos
Emmanuele Baldini **spalla**
Davi Graton **spalla convidado**
Yuriy Rakevich **solista -**
primeiros violinos
Adrian Petrutiu **solista -**
segundos violinos
Amanda Martins **solista -**
segundos violinos
Leandro Dias **solista -**
segundos violinos*
Igor Sarudiansky **concertino -**
primeiros violinos
Matthew Thorpe **concertino -**
segundos violinos

Abner Landim**
Alexey Chashnikov
Anderson Farinelli
Andreas Uhlemann
Camila Yasuda
Carolina Kliemann
César A. Miranda
Cristian Sandu
Elena Klementieva
Elina Suris
Florian Cristea
Gheorghe Voicu
Guilherme Peres
Irina Kodin
Katia Spássova
Leonardo Bock
Marcio Kim
Michael Machado
Monique Cabral**
Paulo Paschoal
Rodolfo Lota
Simone Elenciuc**
Soraya Landim
Sung-Eun Cho
Svetlana Tereshkova
Tatiana Vinogradova

Violas
Horácio Schaefer **solista | emérito**
Maria Angélica Cameron
concertino
Peter Pas **concertino**
André Rodrigues
Andrés Lepage
David Marques Silva
Éderson Fernandes
Galina Rakhimova
Olga Vassilevich
Sarah Pires
Simeon Grinberg
Vladimir Klementiev

Violoncelos
Kim Bak Dinitzen **solista**
Heloisa Meirelles **concertino**
Rodrigo Andrade **concertino**
Adriana Holtz
Bráulio Marques Lima
Douglas Kier
Jin Joo Doh
Maria Luísa Cameron
Marialbi Trisolio
Regina Vasconcellos

Contrabaixos
Ana Valéria Poles **solista | emérita**
Pedro Gadelha **solista**
Marco Delestre **concertino**
Max Ebert Filho **concertino**
Alexandre Rosa
Almir Amarante
Cláudio Torezan
Jefferson Collacico
Ney Carvalho

Flautas
Claudia Nascimento **solista**
Fabiola Alves **piccolo**
Lincoln Sena **piccolo**
Sávio Araújo

Oboés
Arcadio Minczuk **solista | emérito**
Ricardo Barbosa **solista**
Natan Albuquerque Jr. **corne-inglês**
Peter Apps

Clarinetes
Ovanir Buosi **solista**
Sérgio Burgani **solista | emérito**
Nivaldo Orsi **clarone**
Daniel Rosas
Giuliano Rosas

Fagotes
Alexandre Silvério **solista**
José Arion Liñarez **solista**
Romeu Rabelo **contrafagote**
Francisco Formiga

Trompas
Luiz Garcia **solista**
André Gonçalves
José Costa Filho
Nikolay Genov
Daniel Filho
Luciano Amaral

Trompetes
Marcos Motta **utility**
Antonio Carlos Lopes Jr.
Marcelo Matos

Trombones
Darcio Gianelli **solista**
Wagner Polistchuk **solista |**
emérito
Alex Tartaglia
Fernando Chipoletti

Trombone baixo
Darrin Coleman Milling **solista**

Tuba
Filipe Queirós **solista**

Tímpanos
Elizabeth Del Grande **solista |**
emérita
Rubén Zúñiga **solista**

Percussão
Ricardo Righini **1ª percussão**
Alfredo Lima
Armando Yamada

Harpa
Liuba Klevtsova **solista**

Convidados deste programa
Thiago Lamattina **percussão**
Cecilia Moita **celesta**

* cargo interino

** cargo temporário

*** academista da Osesp

Os nomes estão relacionados em
ordem alfabética, por categoria.
Informações sujeitas a alterações.

Governo do Estado de São Paulo

Governador
Tarcísio de Freitas

Vice-governador
Felicio Ramuth

Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas

Secretária de Estado
Marília Marton

Secretário Executivo
Marcelo Henrique Assis

Subsecretário
Daniel Scheiblich Rodrigues

Chefe de Gabinete
Vicenzo Carone

Diretora de Difusão, Formação e Leitura
Jenipher Queiroz de Souza

Diretora de Preservação do Patrimônio Cultural
Mariana de Souza Rolim

Diretora de Fomento à Cultura, Economia e Indústria Criativas
Liana Crocco

Chefe de Assessoria de Monitoramento e Governança de Dados Culturais
Marina Sequetto Pereira

Fundação Osesp

Presidente de Honra
Fernando Henrique Cardoso

Conselho de Administração
Pedro Pullen Parente **presidente**
Stefano Bridelli **vice-presidente**
Ana Carla Abrão Costa

Célia Kochen Parnes
Luiz Lara
Marcelo Kayath
Mario Engler Pinto Junior
Mônica Waldvogel
Ney Vasconcelos
Tatyana Vasconcelos Araújo de Freitas

Comissão de Nomeação
Fernando Henrique Cardoso **presidente**
Celso Lafer
Fábio Colletti Barbosa
Horacio Lafer Piva
Pedro Moreira Salles

Presidente e CEO
Marcelo Lopes

Diretor Jurídico, Financeiro e Administrativo
Fausto Arruda

Diretora de Gestão de Pessoas
Flávia Adrião

Diretora de Comunicação e Marketing
Mariana Stanisci

Conheça toda a equipe em:
fundacao-osesp.art.br/fosesp/pt/sobre

Próximos concertos

15 DE MARÇO DE 2026

Hera Hyesang Park e Olga Kopylova: Recital

Na Estação Motiva Cultural, Hera Hyesang Park e a pianista Olga Kopylova dialogam com um repertório que se inicia na Itália e viaja pela Coreia do Sul, Alemanha, Estados Unidos e Espanha.

26, 27 E 28 DE MARÇO DE 2026

Do piano de Villa-Lobos ao drama de Prokofiev

O concerto se abre com lances de memória: *Fragmentos*, de Marisa Rezende, perpassa cores e lampejos melódicos. No *Concerto nº 4*, de Villa-Lobos, o instrumento não disputa espaço com a orquestra: ele mergulha nela com brilho e intensidade: Sonia Rubinsky conduz essa travessia. Por fim, Prokofiev transforma o drama de Shakespeare em som: entre o ódio e o desejo, a música nos conduz por uma história que todos conhecemos – mas que, aqui, pulsa com nova força.



Agenda completa e ingressos

Primeira vez na Sala? Algumas dicas

Após o terceiro sinal, a Sala de Concertos é fechada – quando for possível entrar após o início da apresentação, siga as instruções dos indicadores e ocupe discretamente o primeiro lugar vago.

O silêncio permite a escuta até das pequenas nuances da música de concerto: desligue seu celular ou coloque-o no modo avião; deixe comentários para o intervalo entre as obras ou para o final. Por favor, não filme ou fotografe durante a performance: a singularidade de cada concerto é uma das belezas das apresentações.

O consumo de alimentos não é permitido no interior da Sala: conheça nossas áreas destinadas a isso – o **Restaurante Vivace**, o **Café da Sala** e a **Cafeteria Lillas Pastia** (no interior da **Loja Clássicos**).

Acesso à Sala

Nosso **estacionamento** funciona das 6h às 22h ou até o fim do evento. O pagamento pode ser feito no 1º subsolo ou no Hall Principal.

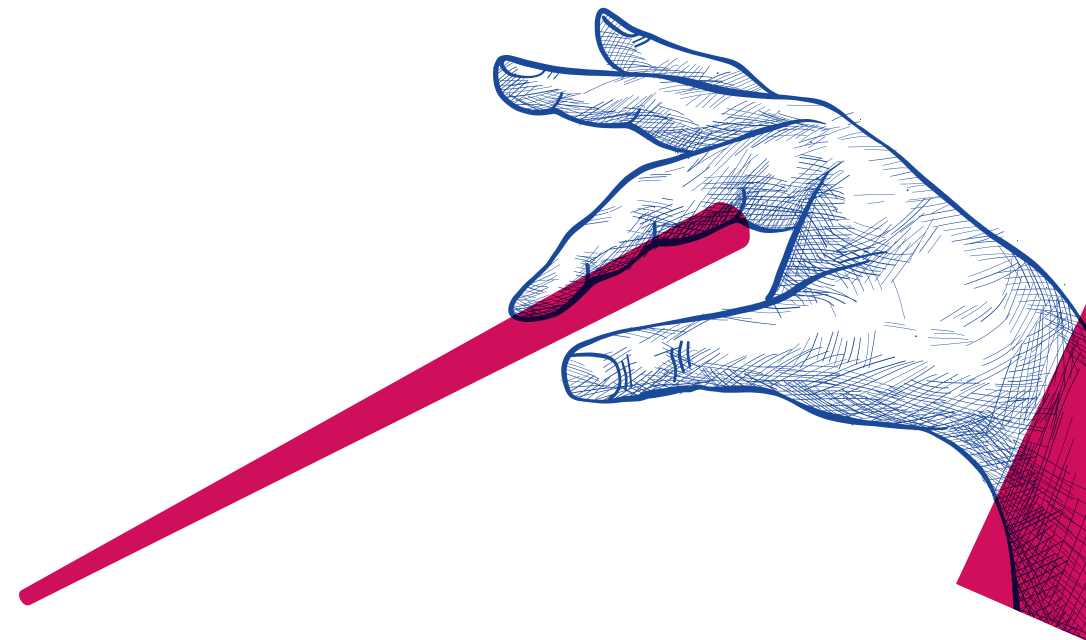
No Boulevard, há o estande da **Use Táxi** para agendamento de viagens, e uma área interna para embarque e desembarque de passageiros.

Também é possível acessar a Sala por **trem** e **metrô**, por meio da passagem que liga o estacionamento com a Estação Luz, aberta das 6h às 23h30; ou ainda, ao sair pelo Boulevard, seguir pela Praça Júlio Prestes à estação de trem de mesmo nome, com acesso à Linha 8 Diamante da CPTM.



Confira todos os horários de funcionamento e detalhes em: **salasaopaulo.art.br/salasp/pt/gastronomia-loja**

O segredo do espetáculo é o maestro.



Uirapuru – Revista da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo

Fundação Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo - Osesp
Praça Júlio Prestes, nº 16, São Paulo, SP

Periodicidade seriada de fluxo contínuo, com edições dedicadas a cada programa de concerto.

Expediente

Jéssica Cristina Jardim **coordenação editorial**
Miguel Levi Molina **assistente editorial**
Pablo Mazzuco **coordenação do projeto gráfico**
Bernardo Cintra **designer**
Silas Oliveira **designer**

Revisão crítica e tradução

Igor Reis Reyner (colaborador externo)

Imagens

- P. 6** *Anunciação* [1478-1482], por Leonardo da Vinci.
Domínio público
- P. 6** *Anunciação de Cestello* [1489], por Sandro Botticelli. Domínio público
- P. 9** *Schubert ao piano* [1899], por Gustav Klimt.
Domínio público
- P. 11** Pauline de Ahna e Richard Strauss.
©The Richard Strauss Family
- P. 13** Ilustração de Louis Moe para *A menina dos fósforos* [1925]. ©Museum Odense. A citação textual provém de *Os contos*, de Hans Christian Andersen. Portugal: Edição da Direção Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas, 2012.
- P. 14** Gustav Mahler e Maria Anna Mahler [1905].
©Mahler Foundation
- P. 16** Osesp. ©Mario Daloia
- P. 17** Thierry Fischer. ©Marco Borggreve
- P. 18** Hera Hyesang Park. © Bruno Grandi

www.osesp.art.br

@osesp_

/osesp

/videososesp

@osesp

escute a osesp

spotify

apple music

deezer

amazon music

idagio

www.salasaopaulo.art.br

@salasaopaulo_

/salasaopaulo

/salasaopaulodigital

@salasaopaulo

escute as playlists da sala

apple music

www.fundacao-osesp.art.br

/company/fundacao-osesp/

A QI Tech é a **tecnologia que conduz** operações financeiras que já alcançam 1 a cada 5 brasileiros em idade de trabalho. Permitimos que mais de 700 empresas de diferentes setores ofereçam crédito, pagamentos e serviços financeiros.

CONHEÇA-NOS EM

qitech.com.br

LENDING AS A SERVICE

BANKING AS A SERVICE

RISK SOLUTIONS

FIDCS E MAIS

REALIZAÇÃO





O uirapuru é um pequeno pássaro da Amazônia, conhecido por seu canto raro e melodioso. Diz-se que traz sorte, amor ou transformação.

A lenda indígena inspirou Villa-Lobos no poema sinfônico-bailado *Uirapuru* [1917], que sugere o universo fantástico da ave por meio de solos de instrumentos de sopro.

É dessa imagem de um canto raro e profundamente ligado à paisagem sonora do Brasil que nasce também o nome da revista da Osesp.

Uirapuru © Comunicação Fundação Osesp, março de 2026



Lei Rouanet



Orquestra
Sinfônica do Estado
de São Paulo



Sala
São
Paulo

Patrocínio



QITECH

Realização

FUNDAÇÃO OSESP
Organização Social de Cultura



**SÃO
PAULO**

GOVERNO
DO ESTADO

Secretaria da
Cultura, Economia
e Indústria Criativas

MINISTÉRIO DA
CULTURA



DO LADO DO POVO BRASILEIRO

PRONAC: 254480